

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

REDATOR-GERENTE: RODOLPHO FELIPPE

Redação e administração
LADEIRA DO CARMO N.º 7
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Ano 10\$000 -- Semestre 5\$000
Numero avulso \$200 -- Acote: 12 exemp. 2\$000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal, 195
S. Paulo - Brasil

MALDITAS SEJAM TODAS as GUERRAS!

Não matará! diz o quinto mandamento

A guerra bate-nos á porta. Quatro paizes sul-americanos encontram-se em luta armada, apesar de todos os protestos de pacifismo apregoados por uns e por outros.

Ha mezes que o Paraguai e a Bolivia se entrecrocaram em pugnas de morte, em ataques sanguinosos, em batalhas fratricidas, de nada valendo os bons officios da Sociedade das Nações para debelar tão terrivel e sinistra situação.

Agora a Colombia e o Perú acabam de apelar para o recurso infame de romper as relações, iniciar as hostilidades, e procurar pelo exercicio da maldita e negregada chacina, matarem-se mutuamente a troco dum pedaço de terra que ambas disputam, como duas léras do deserto disputariam a presa para saciar a fome ou o amor.

Em 1914, a França e os seus aliados apelaram para todas as outras nações, invocaram o auxilio de todos os povos, acenando-lhes com o engodo do fim de todas as guerras, com a mentira da paz perpetua e definitiva. O que isso valeu está se a vér. O sacrificio dos povos que acudiram da America e da Asia e da Oceania e de todas as partes do mundo ao terrivel prelio, á horrivel matança em que perderam a vida 10 milhões de jovens, os mais robustos e aptos e abnegados, de nada valeu, para nada serviu, redoundo em pura perda e sarcasmo.

Ha uma Sociedade das Nações que não toma o caso a sério ou que não possui a força necessaria para poder impor as suas determinações aos paizes que se afastam das regras e programas da mesma, o que em qualquer dos casos só revela a sua incompetencia, ou a sua impotencia, ou a sua hipocrisia.

Fala-se de paz e todos da boca para fora arrotam as mais pacificas e inofensivas intenções. No intimo, porém, todos abrigam as mais absurdas ambições, os mais torpes desejos, as mais abominaveis aspirações de conquista, de desforra, de briga.

Ha conferencias de desarmamento. Mas ninguem começa por desarmar. Todos querem que sejam os outros a desarmar primeiro. Nenhum paiz dá o exemplo. E o que redunda é todos se convencem de que essas conferencias, reuniões e congressos não passam de pura comedia em que todos pensam enganar o seu vizinho, á espera que ele seja tolp de desarmar para

que seja mais facilmente vendido.

Basta, pois, de mentiras, de sofismas, de difarces. Se quiserem desarmar de verdade, comecem por acabar com o fabrico de armas, de canhões, de gazes asfixiantes, de aviões de bombardeio; comecem por fechar os arsenais e não construam mais navios de guerra, monstros de ferro e aço que vomitam morte e destruição com a mesma facilidade com que a baleia expete a agua do mar pelos orificios da cabeça.

Acabem com o serviço militar obrigatorio, com esses milhões de moços adestrados e exercitados no manejo de todas as armas, e que deixam os campos, as officinas, as fabricas, para se dedicarem á horrivel profissão de matar outros jovens, tambem cheios de seiva, repletos de aspirações, desejosos de paz, de trabalho util, e sedentos de amor, de justiça e equidade.

O que se passou com a China e o Japão é a vergonha das vergonhas. Durante

mezes, senão annos, os Estadistas e diplomatas europeus reúnem em Ginebra, discutem, fazem recomendações, preparam relatórios, enviam telegramas, invocam os artigos dos tratados, nomeiam comissões de inquérito, lembram ás partes a necessidade de solver pacificamente as contendas; e tudo perdido, tudo inutil, tudo noves fóra nada. Lá se estão entrematando.

E tudo por falta de quê? De coragem, de decisão e de convicções. Se, de fato, as nações quizessem a paz, dariam á recalitrante -- se rompem as hostilidades, ter-nos-ão todas contra vós!

E isto foi dito? -- Não, por que ninguem tinha a paz a sério. Com paz as fabricas de material belico teriam de fechar e isso aparritava prejuizos aos depositados e ministros acionistas das mesmas e aos capitalistas donos delas.

E a sociedade burgueza-capitalista nunca acabará com as guerras. Estas só acabam quando o povo se negar a ser soldado, a fabricar e empunhar armas mortíferas e fratricidas, e se levantar em greve insurreccional e expropriadora, sempre que for possível o desencadeamento de qualquer guerra que a sociedade pódre e corrupta esclare para seu interesse, canchico ou proveito.

Serei Anarquista?

Não sou anarquista; mas quando percorro as páginas da historia e contemplo a série interminavel de excessos, crimes, misérias, que a patria, a ambição, o ódio, a soberbia, a ferocidade, a raça do Estado, perpetraram em todos os tempos; as conquistas bárbaras, as repressões sangrentas, as guerras devastadoras, os assassinatos politicos, os regimes de oppressão, as perseguições, as proscricções, os patibulos, as fogueiras, interrogo-me assombrado como é que as sociedades humanas teem podido sobreviver á repetição incessante de tamanhas atrocidades e crueldades se não será o Poder o pior dos inimigos do direito e a autoridade se não será uma tirania em lugar de ser a tutora dos rebeldes que apancenta.

Não sou anarquista; mas ante o espetáculo da sociedade, tal como a formou a historia: instituições anárquicas e absurdas, mantidas pela velocidade adquirida; a direcção commum posta nas mãos dos mais audazes ou afortunados; o cadafalso como supremo motor do governo; a força de todos exercida por uns poucos que, por esse lato, e apesar de todos os convencionalismos democraticos, são os donos absolutos dos outros; a razão sempre outorgada ao mais forte; as leis de funil erigidas em Constituição eterna; a educação transformada num meio de formação dos espiritos para os adaptar ao ambiente; o sentimento religioso convertido em monopolio de uma Igreja que faz dele um negocio e adora um Deus «por interesse»; a riqueza adquirida pelo acaso e pelo descrédito, consagrada a manter a ociosidade e o vicio; o amor aprisionado, como quem em cárcere, no meio do mattonio indolente, se adivinha se a civilização não se terá extravaliado; se a humanidade não terá feito, como dizem os francezes, «caminho-errado», e se não era mais facil fazer de tudo isso laboa-raza, do que corrigir uma organização tão defeituosa, estabelecendo sobre novas bases o imenso labor de séculos.

Não sou anarquista; mas em face desse Leviathan que se chama o Estado, com a sua Constituição, as suas leis, os seus códigos, os seus tribunals, os seus serviços, os seus ordenados, o seu orçamento; com a sua administração, a sua burocracia, a sua força, os seus tribunals, as suas prisões, os seus patibulos e carrascos, tudo isso tão poderoso para o mal, mas tudo tão impotente para o bem; ante essa instituição que tem por lema o direito e por pratica a violencia que não persuade, que não admoesta, que não defende, que não ampara, mas que impõe, dobla, reprime, castiga; ante esse monstro que devora todos os annos bilhões de bilhões para manter os seus parasitas, e não dá em troca nem instrução, nem proteccion, nem socorro, nem paz, nem gloria, nem justiça, nem pão; que rouba o voto do cidadão e depois o encaufa na cadeia; que despoja o contribuinte, fuzilando-o depois, penso no que poderia perder a sociedade se se lhe arrancasse pela raiz tão intimo pólpico.

Não sou anarquista... isto é, nunca fizera parte do fasso. Mas, constatando bem o fazoas exame de consciencia observo que eu sou anarquista sem o saber. —ALFREDO CALDERON.

A grande ofensiva eleitoral

Como o povo, a eterna crônica, se deixa engodar, iludir, fascinar! E que labia, que arte, que astucia a imprensa e todos aqueles que desencadearam a tragica empreitada. De 9 de Julho, possuem para embair o pobre povo que vive cheio de ilusões e, desfraneada uma, apregoa a outra, naturalmente pela extrema ingenuidade e credulidade de que está possuido. Que desplante, que indecência, que arrojo tem todos estes charlatães para mudar de mascara a toda a hora e mostrar cara alegre a todos os contratemplos e tirar partido das piores situações!...

A 9 de Julho desencadearam um ciclone de fogo e morte que durou 80 dias, tres mezes de luto e misérias inconcebíveis para a pobre população brasileira, a troco de que era preciso á Constituição, o regime da lei e da legalidade, que eles proprios tinham espinhado, calcado, esfrangalhado. Nesse momento, o dever mais urgente era pegar dum espingarda e marchar impávido e intimidado para as fronteiras do Estado a matar brasileiros, irmãos, patrios.

Acabada a sangueira infernal, seguiu-se a ofensiva literaria, dezenas e dezenas de volumes publicados para exaltar, justificar, glorificar o terrivel ciclone de morte e de sangue, com o intuito muito natural de manter o nivel moral elevado, á espera de momento favoravel, para dar o bote mortal naquelles que lhes tinham desmanchado a festa, que lhes tinham barrado o caminho e detido a marcha empreendida para o Rio de Janeiro.

Agora, então, é a luta eleitoral, a inscrição de eleitores de ambos os sexos, a investida de momento, a ofensiva da hora, a chamamento geral da população para que, das urnas, saia o milagre que as armas e a choradeira da imprensa e do radio não lhes conseguia.

Todo o gato sapato faz apelo á população para que se aliste sem demora: são os padros de ambos os sexos, os voluntarios, os integralistas, os liberais, os socialistas, os nacionalistas, os pedéistas e imaginem quem mais?... o perripismo, que acaba de aparecer, saído da penumbra dos palacios onde se tinha refugiado, desde fins de Setembro, fugindo ás consequencias ordenadas da declaração das hostilidades, para tambem entrar no samba das eleições, para conquistar as posições perdidas e fazer regressar os pobres correligionarios que fazem correnteia em Lisboa e em outros pontos da Europa.

Mas tudo isto não passa de pura cilada. Tudo isso é fogo de palha, exteriorisação propositada para esconder os fins occultos dos conspiradores rententes e impenitentes. En-

quanto todo o mundo se interessa pelo movimento eleitoral, eles sorrateiramente estão conspirando, secretamente conluídos pensam em dar o tombo naquelles que os apeaream do poder. As eleições si se realizarem serão ganhas pelos padres de confio com todos os conspiradores reacionarios e retrógrados. E com ou sem eleição fará o contra-revolução.

No Rio e Sorocaba

CONTINUA O REGIME DE OPRESSÃO E DE ARBITRIO

Decididamente a policia brasileira enveredou para o caminho da reacção contra os elementos libertarios. No Capital Federal, sob as vistas dos responsaveis directos da situação caótica em que se debate a politica e a administração do paiz, a liberdade do individuo está á mercê dos bons ou maus humores do primeiro belegum policial com que se trepce. A policia está, agora, tambem, atacada de fobia contra «A Plebe», não póde ver o nosso jornal, sem que lhe cause pavor, só o pensar que haja criaturas que o leiam.

Para evitar que «A Plebe» seja difundida entre o povo, já não se escolhem meios.

O principio jesuitico de que «os fins justificam os meios» mais uma vez está sendo applicado. Ainda no dia 14 do corrente foram presos os camaradas Virgilio Munhoz e Luiz Vasques, o primeiro por estar a vender «A Plebe», numa assembleia da Aliança dos A. em Calçados; o segundo, por estar a fazer o mesmo no Centro Cosmopolita. E por cometer tal ato, até ao dia 20, ainda estavam reclusos, máu grado os esforços dispendidos no sentido do seu libertar. Sorocaba recebeu

noticias identicas, senão piores que as do Rio. Nessa localidade a policia não só prendeu o camarada Miguel Prado, como tambem invadiu-lhe a casa, varejando-a e levando consigo todos os exemplares de «A Plebe» e de outros jornais de propaganda. Fazendo uso e abuso desses processos, dessas arbitrariedades e infâmias, o velho «perripismo» cobriu-se de ignominia e de opróbrio, até cair desmoralizado ante a opinião publica. O novo estado de coisas, nada nos surpreende e nem nos atemoriza. Com a serenidade e firmeza das nossas convicções, apparemos os golpes da reacção e desmascaremos todos os tartarullismos politicos e policiaes que nos querem suflocar os nossos anseios de liberdade, de justiça e bem estar para todos.

CASAS VIEJAS

A tragédia das tragédias

Ha accidentes, heróicidades, calamidades, que num momento dado fazem emergir do nada, da obscuridade mil-fonar em que jazia uma pobre e humilde povoação, que antes ninguém conhecia, que não fazia parte do mapa do paiz a que pertencia, que era desconhecida por todo o mundo, excepto por aqueles que lá residiam e por poucos mais que lhe ficavam proximos. E isto que succedeu com Casas Viejas.

Este obscuro e desconhecido logar, por pertencente á comarca de Sidonia Medina, na provincia de Cádiz, tornou-se, de repente, o ponto culminante do Universo, o umbigo do mundo, o lugar mais famoso da Terra, onde se fixaram os pensamentos de todos aqueles que lutam por um mundo de igualdade, por um regime de liberdade, por uma sociedade de harmonia e de accordo social.

E que naquele lugar symbolico, a 10 ou 11 do Janeiro, representou-se a tragédia mais infame e horrivel e que o mundo já tenha assistido e que deixa a perder de vista tudo que é bello e bom. Euripides, Ariosto, Shakespeare e todos os tragicos antigos ou modernos poderiam criar, forjar e inventar para fazer correr o arripio na espinha dorsal da humanidade, porque ai tratava-se de situações ficticias, fantasticas, imaginarias, ao passo que em Casas Viejas a tragédia foi ao vivo, um trecho desta realidade tétrica, lúgubre, macabra, que a humanidade está vivendo e em que se disputam e jogam os destinos da Sociedade Futura.

Em Casas Viejas, dezoove pessoas foram sacrificadas estupidamente e brutalmente; dezoove prestaveis trabalhadores foram cercados e encerrados na casa de Francisco Cruz, como se fossem um bando de feras, a casa derrubada e incendiada e todos que lá se achavam, 19 valentes, 19 heróis, 19 pioneiros cheios de dedicação e de abnegação, abatados, carbonizados, mortos pelos ocos de guarda do capitalismo, agentes mercenários que alguns os seus braços aos burguezes endinheirados, aos governantes facinorosos, para abaterem os seus irmãos na miseria, quando estes clamam por pão, por liberdade, por bem estar.

Violência sanguinaria e inaudita! Crueldade feroz, inútil e desnecessaria!

Se os trabalhadores estavam cercados, se não podiam escapar, se tinham em redor de si centenas de milhares de homens armados de motralladoras e granadas incendiarias e todos os apetrechos da guerra indispensaveis, para que esse encarnecimento sem entranchas, para que essa sanha feroz, esse ódio cego e estúpido de incendiar a casa e queimar quem lá dentro se achava?

Pois passadas algumas horas não era certo, evidente, indiscutível o desarmo dos prisioneiros? Porque não esperaram?

— Ah! sim, esperar! Era preciso dar um exemplo rotundante, uma lição mestrada, uma nova fenomenal nesses dias, nesses pés descalços, que não deixam os pés publicos e os socialistas gozarem em repouso, no ripasso, das honras e sincuras, das glorias e das honras e dos proventos do poder de todas as Espanhas.

Francisco Cruz e toda a familia e todos que lá se tinham refugiado ou concentrado, acunharam abatados pelo fumo, cercados pelas chamas, estagnados sob o peso das ruínas da casa derrubada.

Francisco Cruz é um nome symbolico. É um nome representativo de toda a pensão Iberica. Tanto pode ser portuguez como espanhol. Que esse nome tão característico e generalizado consiga lminar toda a população Iberica, portuguez e espanhola, abraça-os sob as dobras de mesma bandeira rubri negra, congrega-os nos

mesmos ideais de libertação e fraternização humana, para poderem de novo empolgar o universo, «darem novos mundos ao Mundo», como no tempo das conquistas e descobertas maritimas.

Ha de ser de lá que a chama da Revolução Social se ha de espalhar e esparhar pelo mundo, acabando com tiranias e despotismos e crueldades. E quando soar essa hora, das pedras de Casas Viejas construir-se-á um momento impercível aos sacrificados de agora, erigido e inaugurado com a ajuda e presença dos Anarquistas de todo o mundo, que lá irão prestar sua ecumovida homenagem A QUELES precursores que agora tombaram, victimas do seu valor e de sua abnegação.

A crise espanhola

Com este titulo «O Estado», de 5 do corrente, publicou longo e extenso artigo datado de Portugal, do qual reproduzimos o seguinte trecho:

«Dispõem os operarios de recursos materiais grandemente inferiores aos armamentos das forças militares que se lhes opõem. Lançam então mão de processos rapidos, ilusivos, que se poderiam chamar de «fuga aggressiva». Algumas bombas atiradas inopinadamente, aqui; uma lata de gazolina e um

fosforo para provocar um incendio, ali; um tiroleto repentino e breve sobre uma força que passa, mais além. E quando a policia e as tropas se atiram na caça aos autores do atentado, encontram o vacuo. A fuga cetera, de antemão estudada, os esconderijos seguros, adrede preparados, a dispersão imediata do grupo assaltante, tornam as mais das vezes inútil e van a perseguição. Fios telegraficos e telefonicos cortados; rétes de iluminação destruídos; camaras municipais de pequenas localidades atacadas, ocupadas e logo abandonadas ao aproximar-se a guarda civil ou as companhias de assalto; atentados violentos e graves paraísos que desarticulam a vida economica; tudo isto conjugado, repetido quotidianamente, nas localidades mais distantes e diversas, estourando hoje em provincias que hontem jaziam em inteira calma, destacando-se de subito em distritos que ha pouco eram verdadeiros focos de insurreição; tudo isto, posto em pratica de forma sistemática e calculada, está a produzir efeitos profundos, que vão se agravando dia a dia, sobre a população, as autoridades, o governo.

GRÉVE NAS ASTURIAS. — GRAVES CONFLITOS

MADRID, 16 (H) — A gréve dos mineiros das Asturias do lugar, na noite de hontem, a varios conflitos.

Os extremistas fizeram explodir, em La Felguera, cinco poderosas bombas, que causaram grandes estragos materiais.

Quasi de madrugada, deu-se um encontro entre os extremistas e a policia, do qual resultaram numerosos mortos e feridos.

Nos dominios de Tio Sam

A crise é geral, mundial

Quem o acréditaria ha cinco ou seis anos? Quem previera que os Estados Unidos que, desde a maldita guerra de 1914, tanto se desenvolveram e tantos progressos fizeram em todos os ramos comerciais, industriais e financeiros, se veriam, dentro de tão pouco tempo, a braços com a mais pavorosa crise economica, moral e industrial que já viu o mundo?

No entanto, é a pura verdade. Vinte milhões de desempregados; milhares de bancos falidos fraudulentamente; as fabricas paradas; as industrias esmorecidas; centenas de milhares de crianças vadiando sem destino, abandonadas, sem comida, sem conforto, sem vestuarios, sem educação e instrução, percorrendo o paiz em todas as direcções em busca duma felicidade que nem os pais, nem os governantes, nem os filantropos, nem as religioes lhes poderiam dar, oferecer, proporcionar: eis o balanço da situação.

E da gravidade dos negocios do paiz fala-nos este telegrama de 14 de Fevereiro:

“Já existe uma revolução nos Estados Unidos”

WASHINGTON, 14 (L. P.) — O senador Borah, em allocução hoje pronunciada, acentuou a necessidade dos senadores abandonarem os esforços que estão fazendo no sentido de abolirem a lei seca, devendo “concentrar todos os esforços no estabelecimento de uma legislação de socorro tendente a evitar uma «revolução». Se não se fizer alguma coisa, milhares de pessoas ficarão sem lar ou, ver-se-ão forçadas a abandonar suas casas. Afirma-se com total insistencia na possibilidade de se tornar realidade a ameaça de uma revolução. Ha quem tenha essa possibilidade como certa. Ao terminar, o senador Borah declarou: — «Já existe uma revolução nos Estados Unidos.

Ha logares onde os tribunales não podem operar, e essa área estende-se desde Pensilvania até o Idaho».

Flagelados pela fome nos dominios de Henri Ford

Desde os cantos mais recôditos da Europa, até ás mais extensas planicies das duas Américas, não repercutia ou-

tro nome mais symbolico que o de Ford, o rei do automovel.

Ford, desde ha bastante tempo, converteu-se em um tiranete dos seus obreiros, pois so os teve em consideração quando, cada um lhes deixava um rendimento fenomenal, 200 por cento do seu salario.

Agora, que Ford invadiu o mundo com as suas máquinas, quando lhe parece, espulsa dos seus dominios aos trabalhadores, porque, segundo as teorias de Ford, só a presença de um desempogado produz-lhe um pezadello, e daí que o seu corpo de policia uniformizada conserve, fora de seus dominios, a multos milhares de trabalhadores que antes lhe proporcionaram multos milhões de lucros.

Em Detroit, cidade de mais de um milhão de habitantes, morre gente de fome, e isto é duplamente sensacional: morrer de fome ao lado de tantas instituições bancarias e de milhares e milhares de grandes armazens abarrotados de comestiveis uns, e de ricos e finos panos outros! Os sem trabalho, em Detroit, não podem pagar o aluguel das casas que habitam, como em todas as povoações dos Estados Unidos, e nos vinguativos e deshumanos burguezes desalojam, pela força bruta, de suas propriedades, aos famintos.

Os parques de Detroit estão abarrotados de desempogados, onde estabeleceram o seu acampamento. As pedreiras, ao lado das estradas, as pontes ferroviarias, todos os buracos estão ocupados por caravanas de familias que residem nesses lugares.

Mas isto não é ainda o mais trágico do caso. O pior é que na povoação de Detroit, enfileada em ambos os concelhos ao sr. Ford, existem, atualmente, 75 mil casas desalugadas, em posse dos ratos, enquanto mais de cem mil pessoas poluam errantes de uma parte para outra, buscando agora sombra, mas, dentro de poucos meses, a bruta temperatura do frio castigá-las-á sem compaixão, fazendo causa comum com os proprietarios de casas que preferem vê-las derrubadas vazias, a esperar que essas párias ganhem para satisfazer os débitos. Ladrões e vinguativos, todos os donos de casas, e desal-

gados e ruins, todos os que defendem a propriedade privada.

Muitas criancinhas têm morrido nos Estados Unidos tranzidas de fome, mas a imprensa mercenaria, apregoadora de mentiras, procurando disfarçar, diz que têm morrido muitas crianças de calor.

Selenta e cinco mil casas vazias em Detroit e milhares de familias dormem á intempérie na via publica! E' esta, corifeus de todas as religioes, a vossa humanidade, a falsa filantropia que empregais muitas vezes até com os cães, mas, sem embargo, deixais morrer de fome pequenitos que ainda não podem apreciar a vossa maldita sociedade?

R. LONE.

Berlim, paraizo dos ricos

Duas castas, duas raças, duas civilizações dentro da mesma cidade, ou a maxima suntuosidade e desperdicio e a miseria mais abjeta, a penuria mais conflagrada, vivendo a par, sem hurrar de raiua ao depararem se. E, de resto, o que acontece em todas as capitais e cidades do mundo.

Ora leiam o que reproduzimos do «Estado de S. Paulo», de 14 de Fevereiro:

«Berlim e a sua miseria dourada», é a epigrafe de um artigo do «HEBDO DÉBATS».

Berlim é a capital do luxo, da miseria e da caridade. Luxo ao oeste. A leste e ao norte, miseria atenuada pela generosidade dos poderes publicos e a caridade inesgotavel da população abastada. O luxo é provocante e desordenado nos bairros do oeste, e no Grunewald, rico em suntuosos palacios habitados por banqueiros, comerciantes e industriais que a inflação poupou ou enriqueceu. Em nenhuma cidade da Europa se encontrará tão grande numero de belas vitrinas, de restaurantes confortaveis cheios a toda hora do dia, de catés repletos de uma clientela alegre, de estabelecimentos noturnos onde não ha um logar vago das 22 ás 23 horas, e de theatros que não fecham as suas portas para se transformar em cinemas. No Kurfurstendamm, mulheres elegant's descem dos mais belos automoveis norte-americanos para compras interminaveis nas lojas mais caras. Durante as festas de Natal e Ano Bom, os armazens de comestiveis oferecem á admiração dos berlinenses, perús, galinos, caviar e doces como nunca os conheceu Paris. Em certas horas, é preciso travar verdadeiras batalhas para ser servido nas grandes lojas. Nas esquinas, havin durante as primeiras semanas de Dezembro, florestas de Arvores de Natal, vendidas por preços que variavam entre um marco e cinco marcos. Num dos bairros ricos, um só comerciante pôz á venda 3 000 pinheiros, dos quais nenhum lhe restou, e os mais caros foram os primeiros vendidos.

Mas, como Janus, a capital alemã tem duas fisionomias. Se deklardes ao oeste, passando para o norte ou leste da cidade, encontrareis o espectáculo da miseria. Encontrareis mães de familia denunciando um sofrimento extremo. Crianças mal alimentadas, mal vestidas, mal catçados. Operarios sem trabalho, com olhos oidentes para os carros luxuosos. Nenhum café convidativo, nenhuma loja atraente. E' a miseria de teste se opoem ao luxo desordenado do oeste.

E assim continuará até ao dia em que o povo invada e se apodere de todos os bairros e de todos os produtos de seus assíduos labores.

PENSAMENTOS

Nada de alterações nem de personalismo. Ouvi os argumentos contrarios depois de terdes exposto os vossos; saíbei calar-vos e refletir, não trateis de ter razão em detrimento de vossa sinceridade. — *Elisen Reclus.*

O Carnaval

O reino de Momo aí está, e o povo agarra-se á folia, para esquecer as amarguras da vida. Lá diz a canção: quem canta seu mal espanta.

Igreja e governantes sabem muito bem que a humanidade não é de pedra, que tem suas paixões, seus desejos, suas necessidades carnaes e fisiologicas e que se não abrirem as valvulas de segurança, como na locomotiva, a pressão do vapor estoura com a máquina.

Dáí os governos darem subvenções aos clubes carnavalescos, para estes fazerem préstitos luzidios, que embasbaquem as multidões e esqueçam a miseria. E a igreja fecha os templos por tres dias, dá férias ás oveiinhas para, após a farra, a descarga da electricidade, lá acolhê-las de novo, purificá-las com as cinzas, a que tudo se reduz, e obrigá-las a uma penitencia longa, com rezas, jejuns, vida ascetica, confissões, comunhões e arrependimentos durante sete semanas da Quaresma. E' grande penitencia para tão pequeno pecado.

O povo salta, pincha, veste-se deurso, de fidalgo, de apache, de padre, diz o cumulo de tolices, profere um acervo de parvoíces sem graça, sem sal e nem pimenta, sensaboronas e estúpidas; tem a illusão que as classes se misturaram, que desapareceram o rico e o pobre, irmã-nados todos na galhofa, na palhaçada e na histerionice, embriagados do alcool e do éter, mergulhados e estonteados na barulheira interna da multidão e do Jazz...

Depois, passada a illusão, a fadiga, a embriaguez, a corda mais fraco, mais doente e mais degradado que na véspera.

E fica á espera outro ano, para se deixar iludir e embalar de novo no doce sonho da mentira e da embriaguez. Pobre povo! Como morde a isca envenenada...

O CAMPONEZ E O PATRÃO

Uma ilha perdida no vasto oceano era povoada sómente por dois habitantes: um senhor que dela se dizia proprietario e um camponez que trabalhava afanosamente a quele pedaço de terra.

Sou eu quem te mantem! dizia com orgulho o senhor ao camponio.

O camponez, que era bastante curto de entendimento e que trabalhava como um burro desde manhã até á noite, comendo uma especie de pão de tubá e cebolas, para cultivar os legumes, as vides, os frutos, e proporcionar bons frangos e carne ao senhor, tirando o chapéu e limpando a suor dizia: — Tem razão, senhor patrão! Como poderia eu viver, se não fosse o senhor? Um dia, porém, morreu o patrão; e o que succedeu? O camponez ficou só na pequena ilha e compreendeu, não sem surpresa, que podia comer o pão e a carne e beber o vinho que dava antes ao patrão. Trabalhava menos e comia melhor. Então viu que era ele quem, com o fruto do seu suor, mantivera e engordara o amo, quando pensava que era o patrão que o mantinha a ele; e, com uma palmada na testa, exclamou: — Que besta que eu fui!

